



# DO FIM AO COMEÇO

por Alexandre Rabelo

...eu queria dizer a ele que sim, eu tinha visto, sim, eu vira e revirava tudo, tudo, tudo aquilo, rebatido, aquele isto, ricocheteando do coração aos olhos, aquela coisa de passado triste e grande que ele nunca contara a ninguém com o corte fino das palavras, e que agora desistia de explodir no fechado resistente da glote, calcificada por tantos passados assentados no caos. Eu queria dizer que nem seria necessário que me contasse nada agora, mas que só me deixasse ver ainda, na umidade iniludível das pupilas, a busca firme, simétrica, o fremir breve que conta o avesso e tudo embaralha milimétrico para depois despedir-se como borboleta que mal se pega no desejo de gente. Tudo, tudo, tudo o que os outros não viam, seja por embotamento dos sentidos ou por medo dessas profundidades caladas e escuras por onde só passeiam os peixes transparentes e pré-históricos, tudo isso, este isto, eu vira, entretanto, entrementes.

Ainda bem que, durante esse lapso de querer dizer o que eu julgara, apressado, ser uma epifania que me validava a carne, esse lapso de no fundo não querer guardar para mim os nomes todos, todos, todos, do deus só, ainda consegui me controlar e me inverter acerca do que exigia de mim o orgulho da

descoberta, acabando por me guardar em certo recato previdente, em malandrice de última hora. Pois era o fim das horas o que eu vira ali; estrelas demais para os tantos universos desconhecíveis, essas coisas que tentamos conformar nessas metáforas grandes e bobas que não dão conta de dizer... o que mesmo? Portanto, fiquei assim miudinho, restando-me como a sopa amorfa que deu origem à vida – veja que lá venho eu de novo, post-mortem, com mais metáfora a tentar a volta ao tempo em que as coisas não era coisas, mas vivas; e o vivo mesmo não diz nada, nunca disse.

Ative-me a indagar por jogo distrativo, apenas no pulso sem nome, quais palavras – se as houvesse - seriam aquelas que nele próprio, e não em mim, brotavam em desordem; e que ele aparava, aparava, aparava, diligente e astuto, modelando-se com pequenas belezas de dia-a-dia e chão, em desenhos de padrões, em autorretratos cindidos, cinzelando-se como o deus de si, por mais que a hera autocriada crescesse para todo lado, diabólica. Esses artistas...

Entenda que eu não tinha, pois, o direito de dizer, assim bobamente, incluindo-me no indevido, que eu sabia que era o amor aquele todo meu enxergar e cegar-me envergado, como no dia em que eu vira o cego mascando chicle, aquele sobre o qual Clarice havia nos contado, e que eu encontrara anos depois, velho, sem chicles, sem qualquer outra coisa na boca, nem dentes, nem palavras, nem nada, na praça de concreto da rodoviária onde ninguém senta porque é só passagem, deitado para não morrer, alguém a quem meu amor nada poderia. Além do mais, falar amor seria já outro assunto, de palavra pobre, de quem ama em vão e a qualquer um, mesmo a um sem-dente. Dizer amor seria plagiar o humano, e eu começava a desejar apenas que nunca

mais precisasse dizer amor a mais ninguém, estando ali naquele instante de bicho que não conta o tempo para não sofrer. Assim, contentei-me a frente dele, contentinho, contentinho. Comecei a rezar em silêncio, disfarçando a reza com um pousar de olhos retos no horizonte da avenida que se borrava na pressa: não me conte, não me conte agora.

Foi então que propus: vamos tomar um sorvete?

Seguimos. Eu, sem mim, ele, meio bravo comigo, talvez consigo, dessa braveza que se destila líquida em acidez, lentamente, achando talvez que minha proposta era só um tolo substituto para os beijos que eu roubara, com a boca e as pontas dos dedos, antes de ter visto o que vi. Modulando serpentes na voz, ele diz: um sorvete bem fálico para compensar a frustração por meu corpo se fechar ao seu,



não é mesmo?

Não respondi, ative-me ao sorvete. Que era bom, de morango com iogurte, igual para ambos. Tínhamos enfim algo em comum além do olhar que tudo soube e que logo correria para o esquecimento. Assim, pudemos continuar uma caminhada que já durava quase dez horas, desde a manhã no parque.

Agora, na dubiedade do ocaso, a vida parecia bonita lá fora, na Avenida das Consolações, e a tal ponto que era fácil odiarmo-nos em paz, um ao lado do outro, constantes após dez horas de caminhada, querendo no fim da jornada o castigo e a vingança de quem se enxergou demais, neste ver até para onde a irmã do sono leva. Lá fora, a juventude chegava apressada com a lua. Tinham poucas horas antes dos perfumes esvanecerem.

Pouco a pouco, passo a passo na subida dura de quem havia caminhado junto desde o alvorecer, fomos buscando padrões nas rachaduras do asfalto continuamente derretido e ressecado; nossos olhos no chão, os sorvetes também ficando mais solventes – lutávamos, desenrolando línguas, para não deixá-los cair em gotas como nossas crenças de horas atrás. E as trivialidades foram voltando, para nosso alívio e consolo. Remendamo-nos assim: eu, pobrinho, com meu orgulho dos beijos roubados, macho eriçado; ele, cheio de vaidades de ter a quem renegar. Fomos voltando ao humano descaso, esquecendo o que trocáramos além do humano na noite dos prazeres. Elétrons, fótons? Ondas ou partículas? Quais deuses? Alminha? Aquele olhar maldito, impossível, isso sim, por meio do qual quase voltáramos a ser recém-nascidos, como já havia se anunciado no parque durante o dia, sem que tivéssemos precisado nos tocar. Mas agora, nem o ter de novo nascido – e ainda na dor da morte – nos justificava. Tínhamos já ido além do humano, voltáramos com o sorvete ao humano cotidiano, e agora precisávamos talvez descer para o aquém do homem. Ser pedra? A noite fresca e jovem não nos daria tempo de responder, seria melhor que terminássemos inacabados, no quase. Por isso não conto mais o que aconteceu dali em diante. Mesmo porque é um pouco perverso dizer “the end”, você sabe. O mundo não acaba hoje, ainda. Não me conte agora, não me conte ainda. Ao invés, volto para o começo, o passeio sob a luz do sol, no Jardim Botânico.

Foi onde teve aquela menininha, de uns dois anos, três no máximo - sim, eu gosto do número três, pelo menos para dar algum equilíbrio ao isto que se conta sem se revelar. Fomos três: eu, ele, a menina. Todos crianças sob o sol do meio-dia. Eles dois tinham olhos rasgados, risonhos e afiados. Os meus eram só olhos de bobo,





macunaímicos. Mas nos irmanamos, os três.

Situo melhor: estávamos, eu e ele, ela não, no alto da casinha de madeira para o lazer dos pequenos, nos fundos do jardim, ali meio encolhidos para caber de novo na infância – à força? Coubemos apenas quando nos reclinamos para ver o mundo não por dentro da casinha, mas por sua janelinha. Lá embaixo, na humanidade então revelada em todo seu esplendor e desgraça, vi a menininha – de vestido rodado florido, girando entre restos de piqueniques, vermelha e branca, vermelha e branca. Num repente, no parar de um giro para novo fôlego, ela mira para o alto em nossa direção e repara que o moço a meu lado, lá no alto da casinha, debruçado, também se vestia de flores – na camisa leve, farfalhante. Possuía também ele os olhos de perene sorriso. Ela o reconhece e o ama, ensinando-me também a tanto. Extasiada, começa a apontar alternadamente para meu amigo e para seu próprio vestido. Ri, pula, goza, volta a girar, pondo em voo as rosinhas da estampa e em seguida voltando a apontar com as mãozinhas deslumbradas de quem aprende a designar as coisas no mundo. Vermelha e branca, vermelha e branca, aqui e ali, dentro e fora. Ele, distraído em heras alheias, suas, modulava-se longínquo. Mostrei-lhe o caso, com voz baixa para não estragar: olha, ela está querendo te dizer que vocês são iguais.

História verídica, que quase não cabe em conto.

Para dar um fim ao começo da história, vale dizer que ambos se sorriram, belo bela, floridos por fora, a hera crescendo por dentro sem descanso, a caminho da morte sim, mas agora em paz. Eu sorri também, bobinho de feliz, calado por ter visto o que vi, mal suspeitando o que veria de novo e sem disfarces horas depois: aquela solidão de heras espraiantes atravessando idades entre os meninos e os homens, todos em suas flores expostas, transgredindo o tempo, eras sem fim. Seria então solidão a palavra que ali fora desfeita e que eu procuraria denominar horas depois?

De todo modo, mesmo sob qualquer palavra que dê uma finalidade ao caso, tinha sido um bom começo.



**Alexandre Rabelo**

*Lançou recentemente o romance Nicotina Zero e tem levado sua escrita também para o teatro (como dramaturgo e tradutor), para o cinema (colaborando com alguns roteiros) e para a música (criando letras de canções). Tem tatuado no corpo os nomes de Rimbaud e Madonna.*

*Ao lado: Frieza e Tomar no c\*, performance de Thiago Camacho e Matheus FF. Fotografia: Hélio Beltrânio Photographer Instituto de Artes da UNESP - Teatro.*











Performances "Frieza" e "Tomar no c." de Thiago Camacho e Matheus FF.  
Hélio Beltrão Photographer - Instituto de Artes da UNESP - Teatro.

DIY  
CRISI  
SON